Qual é a questãO

Sérgio Antônio Silva
UFMG

A meu ver, o "e" da questão é a soma: "não se pode somar uma cadeira e duas maçãs"; "o E não é sempre adição. Não se somam os saberes (...)". Curiosamente, lá está ele, o sinal de mais, na marca do Lipsi; gramaticalmente, está lá, no título do Colóquio, na pintura expressionista de Clarice, a conjunção aditiva "e". Parece-me que a soma incomoda porque busca o acúmulo, o acréscimo, a totalização, enquanto a Literatura "e" a Psicanálise estão mais para a subtração, como nos mostra paulo de andrade. Subtrair, no dicionário Houaiss, é "tirar (algo) de (alguém ou de si mesmo)"; é "fazer desaparecer, retirar"; é também "manter em segredo, deixar de revelar; esconder, ocultar"; é, ainda, "fazer escapar ou escapar, fazer esquivar ou esquivar-se, livrar(-se)". Daí, por essas e outras, penso que, para a Literatura e para a Psicanálise, melhor seria fazermos a operação inversa à soma, já que esta tanto nos tem incomodado.

Montemos, assim, a operação Literatura "menos" Psicanálise. É bem, e o resto?, perguntariam os matemáticos leitores (ouvintes) machadianos. Seguindo a lógica do narrador de *Dom Casmurro*, devemos meter uma dentro da outra, a Literatura e a Psicanálise, "como a fruta e a casca", pois só assim chegaremos ao resto. Para isso, basta ouvirmos o "e" da questão tal como ele, a rigor, nos soa na frase (pelo menos aqui, em Minas Gerais): o "é" da questão.

Literatura é Psicanálise, essa é minha resposta ao "e" da questão, e vice-versa: Psicanálise é Literatura. "É", não no sentido da identidade, da união, pois seria muita ingenuidade acreditar que esses "territórios heteróclitos", esses saberes que não se somam, mas "se enlaçam, costuram-se, recortam-se", B pudessem se dar a uma união tão perfeita e feliz. Literatura é Psicanálise e Psicanálise é Literatura como resto, resultado da subtração de uma pela outra.

Com isso, podemos subtrair da Literatura algumas contribuições e evidências para a teoria psicanalítica, operação, por sinal, bastante explorada, desde sempre. E podemos também subtrair da Psicanálise algumas teorias para a compreensão do universo literário, seja de seus mecanismos de produção (a mão que escreve), seja de seus produtos (a teia que se tece), o que também parece não ser nenhuma novidade no meio. Porém, não me parece ser exatamente isso o que importa nessas operações, talvez possamos avançar um pouco mais, caminhar em direção ao resto dos restos.

Bem, o resto dos restos, nessas subtrações entre Literatura e Psicanálise e vice-versa, é o sujeito; esteja ele na posição de escritor ou leitor, analista ou analisando, é ele (sou eu) o resto dos restos. E, caminhando em direção a esse subúrbio da subtração, a essa suma das sumas, só me resta o relato de minha experiência – literária e psicanalítica.

Há exatamente dez anos, eu estudava Machado de Assis e Graciliano Ramos, para prestar vestibular para o curso de Letras da UFMG. Desde então passei a dedicar-me

ininterruptamente à leitura de textos literários. Há dez anos, mais ou menos, dirigi-me ao consultório de uma psicanalista, a fim de livrar-me de algumas dúvidas acumuladas durante uma adolescência bastante intensa. Algumas semanas mais tarde abandonei esse consultório, para só agora, dez anos depois, retornar, não ao mesmo, mas a outro, de outra psicanalista.

No meio desse caminho, na própria Faculdade de Letras, reencontrei a Psicanálise, não a clínica, nem mesmo a teórica, digamos, pura (essa ainda hoje mal a conheço), mas a Psicanálise "menos". Esse encontro colocou-me na posição de crítico-escritor, e foi assim, subtraindo a Psicanálise da Literatura, digo, a Literatura da Psicanálise, que escrevi minha dissertação de mestrado. E ouvi elogios por isso, e ouvi dizerem que, aos psicanalistas que vêm para as letras, só lhes cabe fazer o mesmo, subtrair a Psicanálise (coisa que muitos fizeram e fazem maravilhosamente bem, segundo o que posso observar) para que a Literatura possa "advir", como querem eles próprios, os psicanalistas.

Quanto à Psicanálise, espero que ela me traga agora a mesma "potência de transferência" que me vem das letras, que ela possa ser, na clínica, tão revolucionária como nas subtrações que a vejo promover no campo da Literatura. Ainda não posso dar meu veredito final, ainda guardo certos receios em relação ao papel da Psicanálise, tanto em minha vida, quanto na sociedade de um modo geral; às vezes, atordoa-me a idéia de vê-la ora muito fechada em castelos esnobes, ora muito mal praticada, mas isso são só vagas impressões, mesmo este texto parece-me mais uma brincadeira do que propriamente uma reflexão, o que, de certa forma, alegra-me, pois faz com que eu me sinta também subtraído, absurdamente traído pelo meu desconhecimento do que seja a Psicanálise, estranhamente atraído pelo saber (sabor) que há na Literatura.